



**Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Unidade Acadêmica de Serra Talhada**  
**Licenciatura Plena em Letras**

ALANA SANTOS PEREIRA

**A PRONÚNCIA DO R RETROFLEXO DO INGLÊS POR ALUNOS DE UMA  
ESCOLA DE IDIOMAS EM SERRA TALHADA-PE**

Serra Talhada – PE

2018

ALANA SANTOS PEREIRA

**A PRONÚNCIA DO R RETROFLEXO DO INGLÊS POR ALUNOS DE UMA  
ESCOLA DE IDIOMAS EM SERRA TALHADA-PE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Livia de Araújo Santos

Serra Talhada – PE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

P436p Pereira, Alana Santos  
A pronúncia do R retroflexo do inglês por alunos de uma escola de idiomas em Serra Talhada - PE / Alana Santos Pereira – Serra Talhada, 2018.

55 f.: il.

Orientadora: Renata Livia de Araújo Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências e apêndice.

1. Fonética. 2. Sociolinguística 3. Língua inglesa. I. Santos, Renata Livia de Araújo, orient. II. Título.

CDD 400



**Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Unidade Acadêmica de Serra Talhada**  
**Licenciatura Plena em Letras**

ALANA SANTOS PEREIRA

**A PRONÚNCIA DO R RETROFLEXO DO INGLÊS POR ALUNOS DE UMA  
ESCOLA DE IDIOMAS EM SERRA TALHADA-PE**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Livia de Araújo Santos – UFRPE/UAST  
1<sup>a</sup> Examinadora/Orientadora

---

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins – UFRPE/UAST  
2<sup>o</sup> Examinador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa de Pinho Cavalcanti – UFRPE/UAST  
3<sup>a</sup> Examinadora

Serra Talhada, 05 de março de 2018.

“A pessoa que você está destinado a se tornar  
é a pessoa que você decide ser”

Ralph Waldo Emerson

Aos meus pais, Fátima e Fernando.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família. À minha mãe, mulher de fibra e guerreira, que me ensina diariamente que eu posso ser mais forte. Ao meu pai, primeiro professor e incentivador, que sempre insistiu que procurássemos conhecimento. À minha irmã, minha maior motivadora, que nunca me deixa desanimar, sempre acredita e torce por mim. Ao meu irmão, meu companheiro, a quem eu serei eternamente ligada, mesmo que não quisesse. Vocês são meus primeiros e melhores amigos, irmãos. Amo vocês, minha família.

Gostaria de agradecer também aos meus professores, principalmente à minha orientadora, Dorothy, uma profissional e uma pessoa maravilhosa, que aceitou me orientar depois de uma abordagem nada sutil em um corredor da UAST e mal sabia ela que eu já tinha intenção nessa parceria desde o primeiro período. Agradeço também ao professor e tutor do PET, Adeilson, que sempre pega no nosso pé, mas com as melhores intenções, porque ele sabe do nosso potencial e nos deseja o melhor. Também gostaria de agradecer a professora Renata, minha orientadora “postixa”, que aceitou tal convite em meio a caoticidade desses últimos dias.

Aos companheiros e amigos de Ensino Médio que seguiram na graduação, Emanuelle e Richard. Vocês foram essenciais nessa jornada e espero que compartilhem muitos mais. Aos amigos que a UAST me deu: Isabele, minha irmã filha de Vanuza; Andreza, que eu aperreei e aperreio tanto; Jôyna, meu amorzinho, e toda turma de 2012.1, vocês foram incríveis. Aos que vieram depois, Alberto, maior aperreio, e Deivid, meu amorzão, psicólogo, guru. Obrigada por esses últimos anos.

Ao grupo PET, com quem eu compartilhei de todas as emoções. Agradeço a Bruno, Carlos, Eduardo, Gessica, Joice, Rodrigo, Tais e Verônica. Meninos, obrigada pelos momentos que dividimos e aproveitem essa jornada. Gostaria de agradecer especialmente aos amores que esse grupo me deu: Jediael, Adriana e Marília. Amigos, muito obrigada por esses anos, por essa vida!

A quem chegou nos acréscimos, Larissa e Palloma. Obrigada pelas palavras, frases de incentivo, pela motivação, pelo carinho.

A todos que de alguma forma estiverem envolvidos, meu muito obrigada!

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a pronúncia do r retroflexo da Língua Inglesa na fala de estudantes de uma escola de idiomas localizada na Serra Talhada-PE. Para tanto, utilizamos como suporte teórico-metodológico os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, que busca explicar a língua em uso, bem como sua relação com a sociedade, a fim de analisarmos os fatores sociais que atuam sobre o fenômeno, na comunidade de fala estudada. Da mesma forma, recorremos à Fonética e Fonologia, numa perspectiva Estruturalista, com a intenção de fazermos a descrição do fone estudado, como também dos fatores linguísticos que podem atuar sobre ele. Assumindo que existe variação na fala de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística, e que essa variação se estende ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, selecionamos alguns fatores, linguísticos e extralinguísticos, levantando hipóteses de que tais fatores possam provocar uma variação na pronúncia do retroflexo, a saber: a posição do fone na palavra, o nível de proficiência do aprendiz e o nível de monitoramento na leitura do material utilizado na coleta dos dados. Assim sendo, gravamos a fala de 10 informantes matriculados na escola de idiomas selecionada para a pesquisa – sendo 5 do nível básico II e 5 do nível avançado – e propusemos a leitura do seguinte material para a coleta dos dados que compuseram o presente estudo: lista de palavras, lista de imagens e um texto contendo palavras que apresentassem o retroflexo, no intuito de averiguar nossa hipótese inicial de que o nível avançado apresentaria maior proficiência que o nível básico na pronúncia do fone. Finalmente, realizamos a análise do corpus, concluindo que existe variação na fala dos aprendizes da Língua Inglesa, confirmando que os alunos do nível avançado demonstram maior proficiência na articulação do retroflexo que os alunos do nível básico, e comprovando que há tanto fatores linguísticos quanto fatores extralinguísticos favorecem a variação, tais como a substituição do retroflexo /ɹ/ pelo tepe /r/ e pela aspirada /h/, além do apagamento do fone.

**Palavras-chave:** Retroflexo. Língua Inglesa. Aprendizes brasileiros. Fonética. Sociolinguística



## ABSTRACT

This research aims to analyze the pronunciation of English Language retroflex in the speech of students of a language school located in Serra Talhada-PE. For that, we use as theoretical and methodological support the assumptions of Variationist Sociolinguistics, which seeks to explain the language in use, as well as its relation with society, in order to analyze the social factors that act on the phenomenon, in the studied community of speech. In the same way, we turn to Phonetics and Phonology, in a Structuralist perspective, with the intention of describing the studied phone, as well as the linguistic factors that can act on it. Assuming that there is variation in the speech of individuals belonging to the same linguistic community, and that this variation extends to the process of learning a foreign language, we select some factors, linguistic and extralinguistic, raising hypotheses that such factors may cause a variation in pronunciation of the retroflex, namely: the position of the phone in the word, the level of proficiency of the learner and the level of monitoring in the reading of the material used in the data collection. Thus, we recorded the speech of 10 informants enrolled in the selected school language for the research – being 5 of the basic level II and 5 of the advanced level – and proposed the reading of the following material for the collection of data that composed the present study: list of words, list of images and a text containing words that presented the retroflex, in order to ascertain our initial hypothesis that the advanced level would present greater proficiency than the basic level in the pronunciation of the phone. Finally, we performed the corpus analysis, concluding that there is variation in the English Language learners' speech, confirming that students at the advanced level demonstrate greater proficiency in the retroflex articulation than the students at the basic level, and proving that there are both linguistic factors and factors extralinguistics favoring variation, such as the replacement of the retroflex /ɻ/ by the tepe /r/ by the aspirate /h/, in addition to the erasure of the phone.

**Keywords:** Retroflex. English Language. Brazilian apprentices. Phonetics. Sociolinguistics

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

### QUADROS

Quadro 1 – Grupo das variáveis linguísticas .....	25
Quadro 2 - Grupo das variáveis extralinguísticas .....	25
Quadro 3 - Panorama geral dos resultados .....	31
Quadro 4 - Dados da pronúncia do informante I do nível básico II .....	36
Quadro 5 - Dados da pronúncia do informante II do nível avançado .....	37
Quadro 6 - Dados da pronúncia do informante III do nível avançado .....	37
Quadro 7 - Total de ocorrência do retroflexo na pronúncia do nível básico II .....	42
Quadro 8 - Total de ocorrência do retroflexo na pronúncia do nível avançado .....	42
Quadro 9 - Dados da pronúncia do informante V do nível avançado .....	43

### GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ocorrência total do retroflexo considerando as variáveis linguísticas .....	32
Gráfico 2 - Ocorrência do retroflexo em posição pré-consonantal .....	33
Gráfico 3 - Ocorrência do retroflexo em posição pós-vocálica .....	33
Gráfico 4 - Ocorrência do retroflexo em posição de início de palavra .....	34
Gráfico 5 - Ocorrência do retroflexo em posição entre vogais .....	35
Gráfico 6 - Ocorrência do retroflexo em como segunda consoante de uma mesma sílaba .....	36
Gráfico 7 - Ocorrência total do retroflexo considerando as variáveis extralinguísticas .....	39
Gráfico 8 - Ocorrência do retroflexo na leitura da lista de palavras .....	40
Gráfico 9 - Ocorrência do retroflexo na leitura do texto .....	41
Gráfico 10 - Ocorrência do retroflexo na pronúncia das palavras referentes à lista de imagens .....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>12</b>
1.1 Sociolinguística Variacionista .....	12
1.2 Fonética e Fonologia: descrição do r retroflexo .....	14
1.2.1 Estrutura silábica do Inglês .....	18
1.2.2 As pesquisas de Labov sobre o retroflexo .....	19
1.3 Segunda Língua x Língua Estrangeira: conceitos .....	20
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>23</b>
2.1 A comunidade de fala .....	23
2.2 Seleção dos informantes .....	24
2.3 Variáveis e as hipóteses .....	25
2.4 Coleta de dados .....	28
2.4.1 Transcrição e quantificação dos dados .....	29
<b>3. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>30</b>
3.1 Variáveis linguísticas .....	31
3.2 Variáveis extralinguísticas .....	37
3.2.1 Nível de monitoramento .....	38
3.2.2 Nível de proficiência .....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICES</b>	
Apêndice A – Material para coleta de dados .....	49
Apêndice B – Ficha social do informante .....	51
Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	54

## INTRODUÇÃO

A pronúncia do /ɹ/ retroflexo do Inglês por falantes do português brasileiro pode ser realizada com maior facilidade, quando encontrado em final de sílaba, visto que alguns falantes possuem um som semelhante em seu dialeto, a saber, o dialeto caipira, como afirmado por Amaral (1982), apresentando os primeiros registros desse fone no português brasileiro: “para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês pós-vocálico” (AMARAL, 1982, p. 47 apud CAMARGOS, 2013.). Na região do sertão de Pernambuco, mais especificamente na cidade de Serra Talhada, não registramos a realização deste fone por falantes em sua língua materna, ou seja, no português brasileiro. No presente trabalho analisaremos como ocorre a pronúncia do /ɹ/ retroflexo por falantes que estão em fase de aprendizado da Língua Inglesa como língua estrangeira, matriculados em um curso de idiomas localizado na cidade de Serra Talhada, Pernambuco, verificando se e o quanto a língua materna dos aprendizes influencia na realização do fone. Para tanto, usaremos como aporte o modelo teórico-metodológico proposto pela Sociolinguística Variacionista, bem como a orientação Estruturalista da Fonética e da Fonologia.

Isto posto, justificamos nossa pesquisa por entendermos que não há estudos desse âmbito na região, e desse modo, não encontramos trabalhos que analisem como a língua inglesa e especificamente seus fonemas são apreendidos por falantes dessa localidade, considerando que as demais pesquisas sobre a pronúncia do retroflexo se direcionam a dialetos que já possuem o fone como característica. Além disso, esperamos contribuir em futuros estudos que observem como o retroflexo – e em maior escala, a língua inglesa – são apreendidos por falantes em fase de aprendizagem. Para tanto, precisaremos relatar como os róticos são articulados na língua materna nessa região, visto que não foi encontrado nenhum estudo sobre o tópico nessa comunidade linguística.

Para realizarmos este estudo, selecionamos as seguintes variáveis linguísticas, – nesse caso, todas os ambientes fonológicos em que o retroflexo pode ocorrer no Inglês – com o intuito de observarmos se a posição do fone na palavra influencia na realização do retroflexo, a saber: posição pré-consonantal, posição pós-vocálica, posição de início de palavra, posição entre vogais e posição enquanto segunda consoante de uma mesma sílaba. Do mesmo modo, apresentamos as variáveis extralinguísticas que também acreditamos que possam favorecer a ocorrência ou não do retroflexo na fala dos informantes: nível de proficiência dos aprendizes, além do nível de monitoramento na

leitura do material utilizado para a coleta dos dados, com o intuito de averiguar a hipótese de que os alunos do nível avançado em fase de aprendizado demonstram maior proficiência na realização do /ɹ/ retroflexo da Língua Inglesa que os alunos do nível básico.

A fim de apresentarmos a pesquisa e discutirmos nossos resultados, segmentamos nosso trabalho da seguinte forma: i) iniciamos apresentando os pressupostos teóricos que fundamentaram nossa pesquisa em uma seção sobre a Sociolinguística Variacionista, como também apresentamos uma breve discussão sobre a estrutura do fonema em análise; ii) logo após, relatamos nossa metodologia de pesquisa a partir dos procedimentos apontados pela Sociolinguística Variacionista, apresentamos nossa comunidade de fala, nossos informantes e critérios de seleção, como também as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para a pesquisa, além dos dados selecionados para a coleta e como se deu tal processo; iii) na seção seguinte capítulo apresentamos a análise dos dados coletados; iv) por fim, trazemos as considerações finais do nosso trabalho a partir dos resultados obtidos, apontando a contribuição da pesquisa para a área de estudo.

## **1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Nesse capítulo, abordamos alguns pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, modelo no qual embasamos nossa pesquisa, explorando

sua origem e conceitos. Em seguida, abordamos os conceitos de Fonética e Fonologia baseados em um viés estruturalista, além de uma breve discussão sobre o aparelho fonador. Dessa forma, discorremos sobre o retroflexo, expondo alguns estudos já realizados sobre o fenômeno. Nessa mesma seção, apresentamos algumas pesquisas sobre a pronúncia do R no estado de Pernambuco. Por fim, discutimos também sobre os conceitos de Língua Estrangeira e Segunda Língua, observando a implicação ideológica no uso desses conceitos, e apresentamos a estrutura silábica da língua inglesa, pontos necessários para a análise dos dados.

### **1.1 Sociolinguística Variacionista**

A Sociolinguística Variacionista, também denominada Sociolinguística Quantitativa “por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados” (TARALLO, 2007, p. 8), é um modelo teórico-metodológico idealizado e divulgado pelo americano William Labov, o qual admite uma relação inerente entre língua e sociedade, insistindo na possibilidade “de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 2007, p. 7). Esse modelo surgiu em resposta à Teoria Gerativa, que não levava em consideração a parte social no estudo da estrutura da língua, considerando-a um sistema homogêneo a partir da observação da competência linguística de um falante-ouvinte ideal, membro de uma comunidade linguística homogênea.

Em vista disso, a Sociolinguística se propõe a estudar a língua em uso, e, portanto, a língua falada, que, segundo Tarallo (2007 p. 19), “é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. Nesse modelo, o alvo da pesquisa passa a ser a comunidade de fala e o objetivo corresponde a analisar como dada comunidade faz uso da linguagem. Para tanto, Mollica (2008, p. 09) aponta que a Sociolinguística “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

De acordo com Labov, a língua é uma forma de comportamento social, usada por seres humanos num contexto social com a intenção de comunicar, uns aos outros, suas necessidades, ideias e emoções (Cf. LABOV, 2008 [1972], p. 215). Assim sendo, o modelo laboviano reconhece a heterogeneidade da língua, que caracteriza uma variação sistematizada, ou seja, formas alternativas de dizer a mesma coisa carregando o mesmo valor de verdade. Com esse pressuposto, Labov rompe a dicotomia saussuriana

diacronia/sincronia, colocando-as em conjunção, permitindo, assim, “que o enfoque não seja o de mudanças abruptas ou etapas estáticas” (COAN & FREITAG, 2010).

Isto quer dizer que a mudança, isto é, a troca de uma variante por outra, não ocorrerá de maneira súbita, antes, ocorrerá uma fase de concorrência, não implicando a extinção de uma das variantes. Da mesma forma, determinada variação linguística observada em um momento atual pode ser explicada ao voltarmos ao passado, sendo realizado um recorte histórico no qual elementos linguísticos indiquem a manifestação dessa variação (cf. COAN & FREITAG, 2010). Essa variação caracteriza a identidade de diversas comunidades de fala, determinadas a partir de diversos contextos sociais nos quais o falante pode ser inserido, comunidades essas que compartilham normas sociais, e, conseqüentemente, linguísticas. Portanto, dentro dessa perspectiva, o uso da linguagem não pode ser observado fora do seu contexto social.

Como vimos, a variação corresponde a diversas maneiras de se referir a uma mesma coisa, num determinado contexto. Assim sendo, dá-se a essas diversas formas o nome de variantes, sendo um conjunto de variantes denominado “variável linguística” (Cf. TARALLO, 2007, p. 8). Sobre isso, Coelho et. al (2012, p.26) definem que “*variável* corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação; *variantes* são as formas individuais que ‘concorrem’ em uma variável.” Tomemos como exemplo o estudo realizado no presente trabalho: a pronúncia do r retroflexo do inglês por falantes não nativos (assim como por falantes nativos) está sujeita a variações que não implicam na perda do seu “valor de verdade”, ou seja, à sua identificação com aquele fonema, correspondendo então à variável linguística. Nesse caso, as variantes linguísticas serão a presença do /ɹ/, a ausência (a forma “zero”) e, ainda, a substituição por um outro fone.

Assim, assumindo que existe a variação, indicamos a existência de aspectos que ocasionem essa variação, aos quais denominamos condicionadores linguísticos e sociais, que, segundo Tarallo (2007, p. 36), são as “armas usadas pelas variantes durante a batalha”. São os condicionadores que irão definir o uso de uma ou outra variante. Em outras palavras:

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos ao sistema linguístico ou externos a ele. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos; exemplos são a ordem dos constituintes, a categoria das palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores

extralinguísticos ou sociais; entre eles, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante. (COELHO et. al, 2012, 28)

Colocadas algumas questões a respeito da Sociolinguística Variacionista, discorreremos a seguir acerca do nosso fenômeno estudado, o retroflexo.

## **1.2 Fonética e Fonologia: descrição do r retroflexo**

Ao fazermos a descrição de um determinado fone, precisamos primeiro fazer uma breve recapitulação sobre o estudo da Fonética e da Fonologia, além de uma breve apresentação do nosso aparelho fonador. Isto posto, Silva (2003) observa que a fonética é a ciência que se propõe a estudar os sons da fala através de métodos para a descrição, classificação e transcrição, principalmente no tocante aos sons da linguagem humana. Uma das principais áreas de interesse da Fonética é a Fonética articulatória, ramo que “compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatorio” (SILVA, 2003), isto é, observa como os sons da fala são produzidos pelo aparelho fonador. O aparelho fonador consiste nos órgãos que utilizamos para a produção da fala, ainda que não exista nenhuma parte do corpo que tenha essa utilidade como sua função primária.

O aparelho fonador é constituído pelo sistema fonatório, sistema respiratório e sistema articulatorio, que são fisiologicamente responsáveis pela produção da fala. Considerando que as funções básicas dos órgãos que compõem esses sistemas não é a produção da fala, observamos “que há um número limitado de sons possíveis de ocorrer nas línguas naturais” (SILVA, 2003). A partir disso, observamos que seres humanos que não possuam nenhuma patologia envolvendo seu aparelho fonador serão capazes de produzir qualquer som presente em sua língua materna. No entanto, na adolescência nossa capacidade de adquirir novos sons de línguas estrangeiras passa a ser reduzida, enquanto a maioria das crianças expostas a uma nova língua terá a habilidade de produzi-los sem qualquer sotaque. Conseqüentemente, na fase adulta a aquisição e produção da segunda língua será acompanhada de sotaque com características de sua língua materna (SILVA, 2012).

Enquanto a Fonética observa os sons da fala por um aspecto fisiológico e articulatorio, a Fonologia se interessa pela função linguística, analisando o sistema sonoro de uma determinada língua. Para essa ciência “a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de



unidades linguísticas superiores dotadas de significado” (BECHARA, 2009). Dessa forma compreendemos que o fonema representa a menor unidade sonora que possui valor distinto de um sistema fonológico de uma língua. Para Bechara (2009), os fonemas representam “os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções” (p. 57).

Os fonemas possuem a função de estabelecer diferença no significado das palavras, como por exemplo em “mala” e “bala” que apresentam distinção em seu trato oral por possuírem diferentes fonemas, /m/ e /b/. No entanto, é preciso lembrar que o fonema estabelece a representação sonora, enquanto a letra assume a representação gráfica. Dito isto, observamos que no português brasileiro alguns fonemas podem ser representados por diferentes letras do alfabeto. Por exemplo o som de “z” será grafado pelas letras s em “casa”, z “fazenda” e x em “exigir”. Enquanto isso, uma única letra pode apresentar um ou mais fonemas, como é o caso do x, pronunciado com som de z em “exemplo”, ch em “xícara”, ks em “tóxico” e s em “explicar”.

Com isso, é importante lembrarmos que fonema não é o mesmo que fone. Os fones constituem a realização acústica dos fonemas, ou seja, compõem a variedade da realização concreta de um fonema. Um fone estabelece todas as possibilidades de produção e articulação dos fonemas produzidos por um mesmo falante ou por falantes distintos, afirmando que sua realização depende na maioria das vezes de articulações individuais, regionais e sociais. Assim sendo, todos os falantes de uma dada língua são capazes de reconhecer e reproduzir os fones de sua língua materna, e com isso podem identificar os diferentes dialetos presentes em seu idioma.

Na fonética, as consoantes são categorizadas articulatoriamente de acordo com seu modo de articulação, ponto de articulação e vozeamento. Segundo Seara, Nunes & Lazzarotto-Volcão (2015), os segmentos consonantais diferenciam-se dos segmentos vocálicos pois,

enquanto os vocálicos deixam que a corrente de ar vinda dos pulmões passe livremente (sem maiores resistências), os consonantais, para serem articulados, apresentam algum tipo de resistência (obstrução) ao fluxo de ar no trato oral. Essa obstrução pode ser total ou parcial. Há consoantes que apresentam uma obstrução momentânea e total à passagem do ar pelas cavidades supraglóticas e há aquelas que apresentam somente um estreitamento do canal bucal, obstruindo-o apenas parcialmente. (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 69)

Assim, entendemos que o modo de articulação compreende a maneira como o ar passa pelas cavidades supraglóticas, isto é, o tipo de obstrução produzido no trato vocal.

Enquanto o ponto de articulação caracteriza-se de acordo com a posição dos articuladores ativos em relação aos articuladores passivos na produção dos segmentos consonantais. Além disso, tais segmentos são classificados, também, em relação ao vozeamento, que caracteriza a vibração nas pregas vocais. Dessa forma, as consoantes dividem-se em dois grupos: surdas ou não vozeadas, quando são produzidas sem vibração das pregas vocais e sonoras ou vozeadas, quando são produzidas com a vibração das pregas vocais.

Objeto do nosso estudo, o retroflexo recebe essa nomenclatura devido ao seu ponto de articulação (posição do articulador ativo em relação ao passivo). É tido como retroflexo pois, ao ser pronunciado, “ocorre uma retração da ponta ou lâmina da língua (articulador ativo) em uma região mais elevada próxima dos alvéolos em direção ao centro do palato duro (articulador passivo)” (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p.78). Quanto ao modo de articulação (a maneira como o ar passa pelas cavidades supraglóticas/tipo de obstrução produzido no trato vocal), o som de r encontra-se no grupo das aproximantes. Essas consoantes “são produzidas com a cavidade nasal bloqueada pelo véu do palato impedindo a passagem do ar pelas narinas” (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p.75). Em relação ao vozeamento (vibração das pregas vocais), o som do r retroflexo é classificado como vozeado (ou sonoro), pois essa consoante é produzida com a vibração das pregas vocais.

Na pronúncia do som do r do Inglês levamos em consideração duas características articulatorias: a língua deve ser levantada em direção à parte posterior da cavidade oral e, também, a ponta da língua é levantada e deve ser levemente voltada para trás. Ainda, na produção do retroflexo no Inglês, percebemos uma aproximação entre os articuladores, bem como uma contração na parte mais baixa da faringe, além de um arredondamento dos lábios. Diferentemente do português brasileiro (PB), onde o retroflexo só pode ser grafado com um único correlato ortográfico [r], no Inglês essa grafia apresenta maior variedade. Os correlatos ortográficos do som de r na língua inglesa são: r como em Mary, rr em cherry, rh em rhino, wr em writer e rrh em diarrhea.

Charles W. Kreidler (1997) faz um levantamento da pronúncia do r pós-vocálico, afirmando que a realização ou não-realização deste fonema representa uma distinção notável nas línguas inglesas. Assim sendo, precisamos destacar que os dialetos nos quais o r é pronunciado no final de sílaba são denominados róticos, já os dialetos em que o r é omitido são chamados não róticos. O autor, em seu *Describing Spoken English: An Introduction*, destaca a variedade da pronúncia, ou não, do rótico, afirmando que essa variação pode ocorrer dentro de um mesmo país. Isto posto, os dialetos de todo o sudeste

da Inglaterra, da Austrália, da Nova Zelândia, da África do Sul, algumas regiões do sul dos Estados Unidos e do leste da Inglaterra, além do Received Pronunciation (RP), sotaque padrão da língua inglesa utilizado no Reino Unido, são não róticos. Já os dialetos do norte e oeste da Inglaterra, da Escócia, do País de Gales, da Irlanda, do Canadá e da maior parte dos Estados Unidos, são róticos (KREIDLER, 1997).

O som de r na língua inglesa pode ocorrer em final de sílaba em meio de palavra (bird), ou em final de palavra (door). Quando encontrado em final de sílaba, o som de r pode ser omitido no inglês da Inglaterra, marcando uma característica do dialeto de parte do país. Contudo, se pronunciado seguido de uma palavra iniciada por vogal, o som de r será produzido. Além disso, o som de r ocorrerá em início de palavras (radio) e entre vogais (giraffe), e também como segunda consoante em uma mesma sílaba (bread). Dessa forma, o som do r será, na maioria dos países de língua inglesa, articulado como retroflexo. No entanto, o som irá variar em dialetos como o escocês, visto que o som do r que ocorre em início de palavra possui características articulatórias mais semelhantes ao som do tepe (SILVA, 2012, que será tratado mais adiante). Já no Português Brasileiro, o retroflexo ocorrerá apenas em final de sílaba, como apresentado a seguir.

No Português Brasileiro, o retroflexo carrega ainda muito estereótipo e estigma, pois foi previamente observado em regiões como o interior de São Paulo, onde residiam pessoas simples e trabalhadores do campo, com pouco avanço industrial. Esse estudo foi realizado por Amaral (1982) no final do século XX, que identificou o fonema como “r caipira”. Nessa observação, o autor foi um dos primeiros a identificar as características articulatórias do retroflexo, destacando sua semelhança articulatória com o som do r no inglês:

r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é línguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. É, muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema. (AMARAL, 1982, p. 47 apud CAMARGOS, 2013.)

No entanto, de acordo com Silva (2003), é comum que falantes do português brasileiro, ao pronunciarem o r do inglês entre vogais substituam-no pelo som de r do português, como na palavra barato, utilizando no lugar do retroflexo o tepe. Essa

consoante é “produzida com uma oclusão total e rápida do fluxo de ar na cavidade oral”. Na produção do tepe, identificamos uma batida rápida da lâmina da língua nos alvéolos, ao mesmo tempo que o véu do palato está levantado, impedindo a passagem do ar pela cavidade nasal. Podemos assumir que essa substituição ocorre porque alguns aprendizes reconhecem esse som em seu dialeto, característico de falantes de algumas regiões do sul do Brasil e do estado de São Paulo.

Na região do sertão de Pernambuco, onde está localizada a comunidade de fala da nossa pesquisa, não foi constatado nenhum estudo acerca do som do r produzido pelos falantes dessa localidade. A *Gramática do português culto falado no Brasil*, no entanto, realizou uma pesquisa na área de fonética e fonologia nas cinco capitais brasileiras do projeto Nurc-Norma Urbana Culta (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), envolvendo a capital do estado, sendo a fala mais próxima da nossa região. No volume VII do livro *A construção fonológica da palavra*, resultado do projeto, o capítulo sobre as consoantes em coda silábica, “(...) posição pós-vocálica (que) pode ser ocupada por uma ou mais consoantes” (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 121), foi observado que o som de r produzido pelos falantes é realizado como aspirado /h/, em posição interna, e zero /ø/, em posição externa (ABAURRE, 2013).

### **1.2.1 Estrutura silábica do Inglês**

Nessa pesquisa procuramos descrever, entre outras coisas, a forma como é produzido o retroflexo nos ambientes em que ele pode ocorrer na língua inglesa, e, para tanto, é necessário que esclareçamos algumas questões a respeito da estrutura silábica dessa língua.

Peter Roach (1998, p. 68) denomina as sílabas formadas por duas ou mais consoantes de grupos consonantais (*consonant clusters*). Assim, na língua inglesa existem dois tipos de grupos consonantais constituídos por duas sílabas. O primeiro, iniciado por s, é seguido de um determinado grupo de consoantes, essas consideradas consoantes iniciais, sendo o s a consoante pré-inicial. Exemplo desse grupo são as palavras *skin* e *stay*. O outro grupo é composto por quinze consoantes, essas chamadas consoantes iniciais. Esse grupo admite um grupo menor ainda que consoantes em sequência, sendo elas l, w, j e o objeto do nosso estudo, o r retroflexo. A essas consoantes seguintes, dá-se o nome de consoantes pós-iniciais, tendo como exemplo *track* e *fly*.

Ao observarmos os grupos formados por três consoantes, podemos constatar uma relação direta com os grupos formados por duas consoantes. Como exemplo, temos as palavras *split* e *scream*. Desse modo, temos o s como consoante pré-inicial, o p e o c como consoantes iniciais e o l e o r como consoantes pós-inicial.

Quando olhamos para os grupos consonantais finais, percebemos uma semelhança com o inicial, sendo que os grupos finais admitem até quatro consoantes na sua estruturação. No entanto, Roach explica que qualquer consoante pode aparecer como consoante final, exceto h, w, j e r; portanto, para manter a precisão do estudo aqui em questão, não descrevemos tais grupos.

### 1.2.2 As pesquisas de Labov sobre o retroflexo

Um dos primeiros estudos verificados sobre a pronúncia do retroflexo foi realizado por William Labov e está presente em *Padrões Sociolinguísticos*, publicado em 1972. No capítulo II da publicação, *A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos da cidade de Nova York*, Labov descreve como foi realizada a pesquisa, na qual foi investigada, entre outros aspectos, “a presença ou ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica” (LABOV, 2008 [1972]). A pesquisa foi realizada em departamentos das lojas *Sacks* (*status* superior), *Macy's* (*status* médio) e *Kleins* (*status* inferior), localizadas na cidade de Nova York, as quais diferenciam-se quanto a preços, a espaços físicos, e, conseqüentemente, a frequentadores/consumidores. O pesquisador observou a pronúncia do r nas palavras *fourth* e *floor*, fazendo a pergunta “por favor, onde ficam os sapatos femininos?”, sem esclarecer aos entrevistados que se tratava de uma pesquisa.

Para tanto, Labov selecionou como variáveis independentes a loja, o andar da loja, o sexo, a idade, o cargo, a raça e o sotaque estrangeiro ou regional (caso houvesse) (LABOV, 2008 [1972]). Quanto à variável dependente, foi selecionado o uso do r em quatro ocorrências: as pronúncias casuais e enfáticas de *fourth* e *floor* (o entrevistador questionava uma primeira vez, cuja resposta era dada de forma casual e uma segunda vez perguntando “como?” para que os entrevistados repetissem a fala, dessa vez ocorrendo de forma monitorada).

Os resultados do estudo apontaram a existência da estratificação do r nas três lojas. Dessa forma, o autor registra (r-1) para “cada ocorrência totalmente do construtivo da variável” (LABOV, 2008 [1972]), sendo então ordenado os grupos pelo seu uso distinto,

resultando na estratificação por fatores extralinguísticos. Labov observa também uma considerável diferença entre a pronúncia dos empregados da *Klein* e da *Macy's*. No entanto, há pouca diferença entre a fala dos funcionários da *Macy's* e da *Sacks*. Considerando a variável independente raça, foi observado que os funcionários negros da *Macy's* não marcavam tanto o (r-1) em relação aos funcionários brancos. No geral, foi constatado que a maioria dos atendentes negros consideravelmente não utilizavam o (r-1), o que apontou um maior número de empregados negros na *Klein* em relação às outras lojas, corroborando a presença da estratificação nos estabelecimentos, uma vez que essa loja é considerada a de menor prestígio.

### **1.3 Segunda Língua x Língua Estrangeira: conceitos**

Quando falamos de segunda língua, não quer dizer que haverá uma sequência na aprendizagem/aquisição de uma língua, ou seja, não haverá uma terceira, quarta e quantas mais um sujeito possa aprender. Segunda língua caracteriza toda língua aprendida por um indivíduo após a aquisição da língua materna (L1). A propósito disso, é importante salientar que, para ser configurada uma segunda língua, o falante já domine “habilidades linguísticas de fala”, uma vez que assim ele “possui outros pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição da L1” (SPINASSÉ, 2006). No entanto, ainda que o termo segunda língua abranja todas as línguas adquiridas após a aquisição da L1, a maneira de aquisição implicará no uso de diferentes termos.

Dessa forma, a fim de facilitar o entendimento da pesquisa, achamos importante apresentar as definições de Segunda língua (doravante L2) e Língua estrangeira (doravante LE). Os conceitos de L2 e LE podem ser semelhantes, sendo muitas vezes classificados como equivalentes, portanto, referindo-se a qualquer língua aprendida ou adquirida após a aquisição da língua materna do falante. Contudo, essa definição não abarca toda a problematização sociocultural que os conceitos carregam, uma vez que envolve a necessidade de comunicação e interação dos falantes no meio sócio comunicativo.

O *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics* apresenta definições para os dois termos:

**língua estrangeira**  
também **língua não nativa**

a língua que não é a língua nativa do maior número de pessoas de um país ou região específicos, não é usada como meio de instrução nas escolas, e não é amplamente usada como meio de comunicação no governo, mídia, etc. Línguas estrangeiras são tipicamente ensinadas como matéria escolar com propósito de comunicação com estrangeiros ou para leitura de materiais impressos nessa língua. (LONGMAN DICTIONARY OF LANGUAGE TEACHING AND APPLIED LINGUISTICS, 2010, p. 203-204, tradução nossa.)<sup>1</sup>

### **segunda língua**

em sentido amplo, qualquer língua aprendida após o aprendizado da língua nativa. No entanto, quando comparada com língua estrangeira, o termo se refere mais restritamente a uma língua que desempenha um papel importante em um país ou região específicos embora não seja a primeira língua da maioria das pessoas que a usam. Por exemplo, o aprendizado do Inglês por imigrantes nos EUA ou o aprendizado do Catalão por falantes do Espanhol na Catalunha (região autônoma da Espanha) são casos de aprendizado de segunda (não estrangeira) língua, porque essas são necessárias para a sobrevivência nessas sociedades. O Inglês também é uma segunda língua para muitas pessoas em países como Nigéria, Índia, Singapura e as Filipinas, pois o Inglês exerce muitas funções nesses países (incluindo os assuntos da educação e do governo) e o aprendizado do Inglês é necessário para ser bem-sucedido nesse contexto. (Algumas pessoas nesses países, no entanto, talvez adquiram o Inglês como primeira língua se essa for a principal língua usada em sua casa.) (LONGMAN DICTIONARY OF LANGUAGE TEACHING AND APPLIED LINGUISTICS, 2010, p. 514, tradução nossa.)<sup>2</sup>

Assim sendo, podemos definir a língua estrangeira como aquela aprendida em situação formal de ensino, ou seja, no ambiente da sala de aula. No contexto de aprendizagem da LE, o aluno está sendo exposto ao conjunto de regras que compõe determinada língua, não necessariamente precisando utilizá-la fora do âmbito de ensino. Nesse processo, o aprendiz não está em contato direto com a língua, sendo mediado por professores (que não precisam ser nativos daquela língua), instrumentos de reprodução de áudio e, na maioria dos casos, através, apenas, da língua escrita. Isto quer dizer que “a comunidade onde o aluno vive não fala o idioma alvo” (SANTOS, 2014). Como exemplo disso, consideremos os cursos de idiomas: o aluno matriculado em um curso de língua

---

<sup>1</sup> **foreign language** *n*

also **non-native language** a language which is not the native language of large numbers of people in a particular country or region, is not used as a medium of instruction in schools, and is not widely used as a medium of communication in government, media, etc. Foreign languages are typically taught as school subjects for the purpose of communicating with foreigners or for Reading printed materials in the language.

<sup>2</sup> **second language** *n*

in a broad sense, any language learned after one has learnt one's native language. However, when contrasted with foreign language, the term refers more narrowly to a language that plays a major role in a particular country or region though it may not be the first language of many people who use it. For example, the learning of English by immigrants in the US or the learning of Catalan by speakers of Spanish in Catalonia (an autonomous region of Spain) are cases of second (not foreign) language learning, because those languages are necessary for survival in those societies. English is also a second language for many people in countries like Nigeria, India, Singapore and the Philippines, because English fulfils many important functions in those countries (including the business of education and government) and learning English is necessary to be successful within that context. (Some people in these countries however may acquire English as a first language, if it is the main language used at home.)

inglesa no Brasil compreenderá o inglês enquanto língua estrangeira, uma vez que não está inserido em um ambiente em que a língua faça parte das relações diárias.

Isto posto, compreendemos a segunda língua como a língua aprendida por um não-nativo onde essa é considerada a língua materna ou oficial (no caso de países bilíngues). Sendo assim, no processo de aquisição, a L2 estará presente no contexto situacional do falante, devido a uma necessidade de comunicação e integração na sociedade. Nesse caso, ainda que o aprendiz esteja em uma situação formal de ensino, a aquisição será determinada pelo contato com os nativos daquela língua, de modo que ele “encontrará facilmente falantes para exercitar o que está sendo adquirido de modo formal na escola e estará envolvido com a língua-alvo, onde essa é a língua do contexto situacional de comunicação” (SANTOS, 2014). A partir disso, tomemos como exemplo os filhos de imigrantes vivendo nos Estados Unidos que não têm o inglês como língua materna. Na sala de aula, o inglês é para esses alunos a L2, uma vez que ela faz parte do seu contexto diário. A aprendizagem dessa língua é necessária para sua interação no ambiente escolar e ele tem a oportunidade de exercitá-la no contato com os demais alunos e integrantes da comunidade, podendo ainda se comunicar em sua língua materna no ambiente familiar. Dito isto, nos referiremos a língua aqui estudada como Língua Estrangeira.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Ao realizarmos uma pesquisa quantitativa, precisamos seguir alguns procedimentos básicos que servirão para orientar nosso estudo. A metodologia, segundo Santos (2009), consiste em “um conjunto de regras que facilita a



condução da pesquisa a fim de que os resultados alcançados sejam coerentes aos pressupostos teóricos”. Para tanto, discorremos, nesse capítulo, sobre os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, obedecendo os princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista, organizados nos seguintes pontos: a comunidade de fala eleita, a seleção dos informantes, as variáveis e as hipóteses, e por fim, a coleta, a transcrição e quantificação dos dados

## **2.1 A comunidade de fala**

Reconhecemos a comunidade de fala enquanto um grupo heterogêneo no qual os membros participantes compartilham, entre outras coisas, de particularidades referentes ao uso da língua. Em outras palavras, “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (LABOV, 2008 [1972], p.150). Na pesquisa sociolinguística encontramos variados cenários que determinam a escolha da comunidade de fala. Santos (2009), afirma que, em alguns casos, a seleção do fenômeno a ser estudado determinará a escolha da comunidade de fala. Em outro cenário, a eleição primária da comunidade ainda não estudada será um ambiente favorável para a exploração de possíveis fenômenos. A partir disso, apresentamos a comunidade de fala selecionada para nossa pesquisa.

A escola de idioma, localizada na cidade de Serra Talhada, no sertão de Pernambuco, funciona nos turnos diurno e noturno, oferecendo unicamente o Inglês como língua estrangeira. A equipe docente é constituída massivamente por falantes nativos de língua portuguesa com cursos superiores em Administração e Licenciatura em Letras, contando com um nativo da Escócia. Quanto às turmas, a escola está estruturada em níveis básicos e avançados, sendo algumas delas compostas por crianças com idade entre 8 e 12 anos – nas turmas de nível básico –, já outras formadas por adultos de variadas idades. Algumas das turmas avançadas são formadas exclusivamente por alunos de instituições de ensino superior que já possuem um elevado nível de proficiência em língua inglesa, não necessitando matricular-se nas classes iniciais.

## **2.2 Seleção de informantes**

O interesse da pesquisa sociolinguística não é necessariamente o indivíduo, mas a comunidade em que ele está inserido. Ainda assim, ele desempenha um papel fundamental para o pesquisador, pois sua presença garante o acesso aos dados de tal comunidade (COELHO et. al, 2012, p. 113). A partir disso, devemos considerar que os diversos grupos sociais podem ser compostos por centenas, e até milhares, de participantes, sendo assim, os informantes na pesquisa sociolinguística serão apenas uma *representação* de tal grupo. No momento em que o linguista adentra na comunidade de fala, de acordo com Tarallo (2007, p. 27), é importante que ele não esclareça que se trata de uma pesquisa sobre a língua usada na comunidade, uma vez a presença do gravador – que estará sendo exposto por razões éticas – já pode ser um causador de monitoramento da fala pelos entrevistados. Desse modo, é preciso que o entrevistador garanta um ambiente confortável para o informante, a fim de que os dados sejam fornecidos de maneira mais espontânea, garantindo amostras mais reais da língua.

Tarallo (2007, p. 27) manifesta a necessidade de “parâmetros rígidos” na seleção de informantes, em favor de informações mais precisas quanto a comunidade observada. No caso da nossa pesquisa, foi preciso observar a presença de informantes que não pertencessem originalmente ao grupo analisado, visto que seus dados linguísticos poderiam refletir no fenômeno observado. Diante disso, procuramos coletar dados de indivíduos que nasceram e permaneceram, ou apenas cresceram, na região em que está estabelecida a escola de idiomas.

Além do mais, precisávamos verificar também alguns aspectos exteriores – não necessariamente as variáveis extralinguísticas – que poderiam interferir nos dados coletados. Para tanto, elaboramos e aplicamos uma ficha social (cf. Apêndice B) em formato de questionário que nos informaria se o entrevistado já possuía, e em qual nível, contato com a língua inglesa antes de matricular-se no instituto de idiomas, bem como se esse contato existia além das aulas do instituto.

A partir desses critérios, selecionamos 10 informantes, todos naturais da região, distribuídos entre os níveis básico II<sup>3</sup> e avançado.

### **2.3 Variáveis e hipótese**

---

<sup>3</sup> Foram selecionados alunos matriculados no nível básico II considerando que eles já tivessem contato com a língua inglesa.

Como já mencionado, a variação na fala ocorrerá por alguma motivação interna ou externa à língua, o que Tarallo denomina de “fatores condicionadores”, posto que “cada variante possui certos contextos que a favorecem” (TARALLO, 2007, p. 36). Assim sendo, a variação na fala não ocorre aleatoriamente, ela está subordinada a um conjunto de regras que determinam a existência ou não dessa variação nos diversos contextos de comunicação. Por exemplo, aventamos a hipótese de que a variação da pronúncia do retroflexo pode ser ocasionada pela posição do fone na palavra, e a posição pode se confirmar como um fator condicionante da ocorrência do fenômeno. Ou ainda, se indicamos que o grau de monitoramento influencia na pronúncia do /ɻ/, devemos selecionar materiais de coleta que possam manifestar essa variação.

Assim, selecionamos as seguintes variantes, linguísticas e extralinguísticas, que acreditamos que possam ocasionar a variação na pronúncia do retroflexo, de acordo com os respectivos fatores condicionadores:

<b>Variáveis linguísticas</b>	<b>Fatores linguísticos</b>
<b>Posição do retroflexo na palavra</b>	Pré-consonantal
	Pós-vocálico
	Início de palavra/sílaba
	Entre vogais
	Segunda consoante de uma mesma sílaba

**Quadro 1: grupo das variáveis linguísticas**

<b>Variáveis extralinguísticas</b>	<b>Fatores extralinguísticos</b>
<b>Nível de proficiência</b>	Nível básico

	Nível avançado
<b>Nível de monitoramento</b>	Lista de palavras (alto monitoramento)
	Texto (monitoramento intermediário)
	Lista de imagens (baixo monitoramento)

**Quadro 2: grupo das variáveis extralinguísticas**

Admitimos como hipótese geral que, nessa comunidade de fala, os informantes do nível avançado apresentarão um maior grau de proficiência na pronúncia do retroflexo que os informantes do nível básico. Da mesma forma, levantamos algumas hipóteses que surgiram ao longo da pesquisa, relacionadas aos fatores linguísticos e extralinguísticos. Quanto aos fatores linguísticos, acreditamos que a posição do retroflexo na palavra irá influenciar a pronúncia dos falantes, manifestando o apagamento ou a substituição por outro fone; já em relação aos fatores extralinguísticos, acreditamos que o nível de monitoramento, a partir do material selecionado para coleta, influenciará a fala dos informantes<sup>4</sup>. Nesse caso, colocamos a hipótese de que a leitura da lista de palavras favorecerá a ocorrência do r retroflexo considerando que, nessa forma de leitura, as palavras apareceriam individualmente, provocando uma leitura mais pausada, portanto com maior grau de monitoramento. Quanto à leitura das palavras presentes no texto, acreditamos que ocorrerá com uma frequência média, visto que, dessa forma, tais palavras podem sofrer influência fonético-fonológica das que as antecedem e das que a sucedem. A pronúncia das palavras correspondentes às imagens corresponderia ao menor grau de monitoramento, assim favorecendo a ocorrência das formas alternativas ao retroflexo. Ainda, apresentamos a hipótese de que a língua materna influenciará na pronúncia dos falantes, de forma que eles poderão substituir o retroflexo por um fone que eles reconheçam na fala materna, por exemplo, a aspirada /h/.

---

<sup>4</sup> Aqui procuramos observar a metodologia de outros trabalhos que estudam a variação fonética, como o realizado por Richard W. Schmidt (1977), no qual o pesquisador analisou a pronúncia das fricativas interdentais /θ/ e /ð/ do inglês por falantes de árabe egípcio, usando como metodologia para a coleta de dados a leitura de uma lista de palavras e a leitura de um texto – além da leitura de pares contrastivos –, de forma adaptada para nossa pesquisa.

Isto posto, ilustramos nesta seção algumas palavras usadas na coleta dos dados, tanto as que apresentavam o retroflexo em seus contextos, quanto as palavras distratoras, usadas no intuito de diminuir o monitoramento na leitura do material. Posteriormente, apresentamos os textos, de elaboração nossa, usados para a coleta.

### **Lista de palavras apresentando o retroflexo em cada ambiente fonológico**

1. Posição pré-consonântica: *bird, heart*
2. Posição pós-vocálica: *door, guitar*
3. Início de palavra: *ring, radio*
4. Entre vogais: *giraffe, cigarette*
5. Segunda consoante de uma mesma sílaba: *bread, dress*

### **Palavras distratoras:**

*Ball, book, uncle, sky, lags, shoes, glass, love, clock, dog, cat, beloved, school, July, mom, monkey, easy, know, hello, only, bike, table, watch, cloud, pineapple, cellphone, glasses, window, bottle, statue, building, spoon, hat, snake, bucket, pants, couch, coffee.*

### **Texto para leitura – nível básico II**

*Hi, my name is **Carol**, I'm Canadian and these **are** my **three brothers**. We live with **our** parents and study in the **northern** town. On weekends we go out as a family to do something fun, like a picnic and **ride our** bikes in the **park**. We enjoy **ourselves** a lot. My **father** always **brings** sandwiches, because we love it and it's all so cool, we **breathe** all that **fresh air** which is so good **for** health and laugh a lot. Sometimes when **our birthday** falls on a weekend **our mother** makes us a cake to **celebrate** it.*

### **Texto para leitura – nível avançado**

*Every **Friday** they go to a **party together**, spend most of **their** time **drinking** and laughing. One of them thought they should **never** lose contact and **friendship** should **never** die. He thought that while in the bath and **realized** that it was **the** best in fact, because **for** all of them **true friendship** has always been **more important** than any **other relationship**. Nothing could spoil those **Fridays** dedicated to **friends**, so they should **never** schedule anything else on them. When they **were** with each **other** they always had a lot to*

*catch up and thus they were able to keep the flame of their friendship burning for decades.*

## 2.4 Coleta de dados

Nossos dados foram obtidos a partir de gravação autorizada previamente por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Devido à natureza do fenômeno estudado, descartamos o formato de entrevista, visto que não seria efetivo para o registro que pretendíamos alcançar. Desse modo, elaboramos os seguintes materiais para a coleta: uma lista de palavras, uma lista de imagens e um texto diferente para cada nível. As listas de imagens e palavras continham um total de 10 amostras cada – as imagens e as palavras eram correspondentes –, nas quais o retroflexo apareceria em todos os ambientes possíveis. Além disso, a lista de palavras apresentava 38 palavras distratoras, na intenção de que os informantes não percebessem o alvo do nosso estudo, visto que a coleta no viés da sociolinguística procura “(...) observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas” (LABOV, 2008 [1972], p. 83). Quanto aos textos, foram produzidos um para o nível básico e um para o nível avançado<sup>5</sup>, contendo, respectivamente, 22 e 27 palavras que apresentavam o retroflexo nos vários ambientes fonológicos possíveis.

Os materiais foram assim construídos para que pudéssemos verificar o nível de monitoramento, que corresponde a uma de nossas variáveis extralinguísticas. Desta maneira, nossa hipótese seria que, ao lerem a lista de palavras, os informantes estariam em um maior grau de monitoramento, pois estariam expostos à forma escrita isolada da palavra. Já o menor grau de monitoramento seria na identificação das imagens através da pronúncia das palavras correspondentes, ficando a leitura do texto no nível intermediário de monitoramento.

A coleta dos dados foi feita primeiramente no nível básico, partindo da leitura do texto, seguida pela lista de palavras e, por último, a lista de imagens. No nível avançado foi respeitada essa ordem, não havendo objeções quanto a gravação em nenhum dos níveis. Todo o material foi recolhido em apenas um dia de gravação, tendo em média a duração de 3 minutos e 34 segundos por informante, sendo 1 minuto e 15 segundos por

---

<sup>5</sup> Foram usados textos diferentes para cada grupo considerando o nível de proficiência dos falantes, visto que o uso do mesmo texto representaria maior ou menor desafio para os grupos.

material. De forma geral, toda a coleta compôs um tempo de 23 minutos e 47 segundos de material gravado.

#### 2.4.1 Transcrição dos dados

Para realizarmos a transcrição dos dados obtidos nesta pesquisa, utilizamos o *International Phonetic Alphabet* (IPA), “sistema de notação fonética, criado pela Associação Fonética Internacional para que houvesse uma padronização na transcrição de dados de diferentes idiomas. O IPA possui 107 letras, 52 sinais diacríticos e 4 marcas de prosódia” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 25). Foram transcritas foneticamente apenas as palavras que apresentavam a possível manifestação do nosso objeto de estudo.

#### Transcrição fonética das palavras referentes a lista de imagens

bird- [bʌɪd]

radio- [ˌreɪdɪo]

heart- [hɜːt]

giraffe- [dʒɪˈɑːf]

door- [dɔːr]

cigarette- [sɪgəˈɪɪt]

guitar- [ɡɪtɑː]

bread- [bred]

ring- [rɪŋ]

dress- [drɪs]

#### Transcrição fonética das palavras referentes a lista de imagens

bird- [bʌd]

ring- [rɪŋd]

heart- [hɛts]

radio- [redʒɪo]

door- [du]

giraffe- [dʒɛrɑːfi]

guitar- [ɡɪtɑh]

cigarette- [sɪgəɪt]

---

<sup>6</sup> Dados da pronúncia do falante IV do nível avançado.

bread- [bɹɪd]

dress- não produz<sup>7</sup>

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

Uma vez transcritos e quantificados os dados, procedemos à análise do *corpus* a partir das variáveis linguísticas e extralinguísticas. Assim sendo, distribuimos a seção considerando cada fator linguístico que influenciará na variação da pronúncia do retroflexo. Além do mais, elaboramos gráficos, ora gerais, ora específicos, os quais indicam a porcentagem de ocorrência do fone em cada variável e de acordo com cada fator. Dito isto, apresentamos no quadro 1 os dados de todos os informantes, exibindo o total dos contextos em que o retroflexo foi apresentado e o percentual de ocorrência baseados no material de coleta/nível de monitoramento e ambiente fonológico, isto é, as posições nas quais o fone pode ocorrer em palavras da Língua Inglesa. O quadro apresenta um panorama geral dos resultados, que são posteriormente analisados de forma particular.

---

<sup>7</sup>Dados da pronúncia do falante II do nível básico



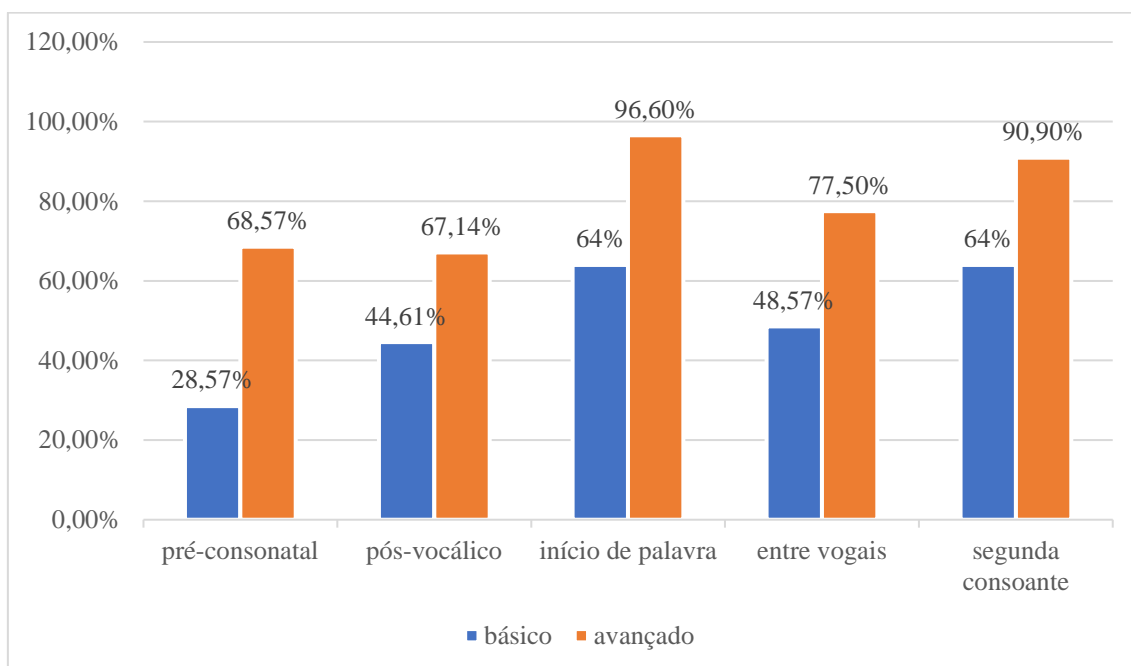
Ambientes Fonológicos	Tipo de material/monitoramento	Grupos	Total de contextos com retroflexos apresentados	Total de ocorrências do retroflexo
Pré-consonantal	Lista	Básico	10/100%	4/40%
		Avançado	10/100%	7/70%
	Texto	Básico	50/100%	12/24%
		Avançado	15/100%	10/66,6%
	Imagens	Básico	10/100%	4/40%
		Avançado	10/100%	7/70%
Pós-vocálico	Lista	Básico	10/100%	6/60%
		Avançado	10/100%	9/90%
	Texto	Básico	45/100%	19/42,2%
		Avançado	50/100%	29/58%
	Imagens	Básico	10/100%	4/40%
		Avançado	10/100%	9/90%
Início de palavra/sílaba	Lista	Básico	10/100%	6/60%
		Avançado	10/100%	10/100%
	Texto	Básico	5/100%	5/100%
		Avançado	10/100%	9/90%
	Imagens	Básico	10/100%	5/50%
		Avançado	10/100%	10/100%
Entre vogais	Lista	Básico	10/100%	4/40%
		Avançado	10/100%	9/90%
	Texto	Básico	15/100%	8/53,3%
		Avançado	20/100%	14/70%
	Imagens	Básico	10/100%	5/50%
		Avançado	10/100%	8/80%
Segunda consoante	Lista	Básico	10/100%	4/40%
		Avançado	10/100%	9/90%
	Texto	Básico	30/100%	23/76,6%
		Avançado	35/100%	31/88,5%
	Imagens	Básico	10/100%	5/50%
		Avançado	10/100%	10/100%

Quadro 3: panorama geral dos resultados

### 3.1 Variáveis linguísticas

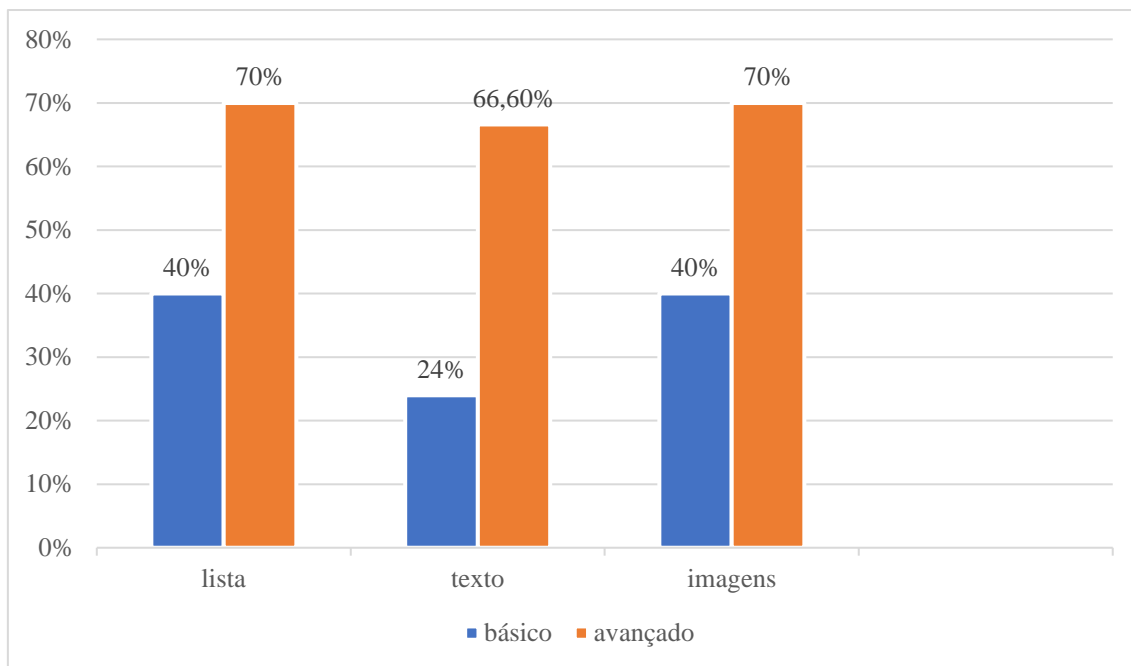
Em relação às variáveis linguísticas, consideramos que a posição do retroflexo na palavra influenciaria a pronúncia dos falantes. Assim sendo, confirmamos, como exposto no gráfico 1, que a posição do fone na palavra determinou o número total de pronúncia, tendo as posições de início de palavra (*ring*) e segunda consoante de uma mesma sílaba (*bread*) o mais alto nível de ocorrência tanto no nível básico quanto no avançado. No entanto, quanto à ocorrência mais baixa, verificou-se em diferentes ambientes para os dois níveis. Para os informantes do nível básico a porcentagem mais baixa na frequência

da pronúncia do fone analisado ocorreu na posição pré-consonantal (*heart*); já no nível avançado o menor grau de frequência ocorreu na posição pós-vocálica (*door*).



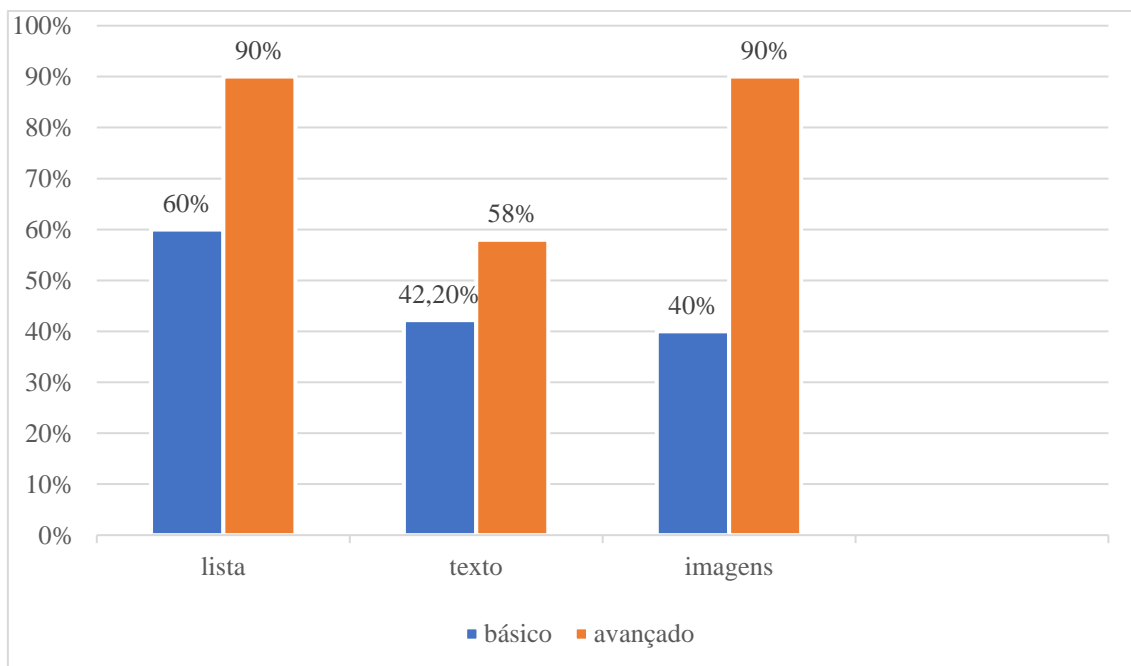
**Gráfico 1: ocorrência total do retroflexo considerando as variáveis linguísticas**

Verificando cada fator linguístico separadamente, notamos que a ocorrência mais alta, na posição pré-consonantal, aconteceu na lista de palavras e lista de imagens, tanto para o nível básico quanto para o nível avançado, observando no texto uma porcentagem mais baixa na pronúncia do retroflexo. Este resultado pode ser explicado pelo fato de nas listas os informantes realizarem uma leitura mais pausada, enquanto no texto a leitura ocorreu de forma mais fluida, portanto uma leitura menos monitorada.



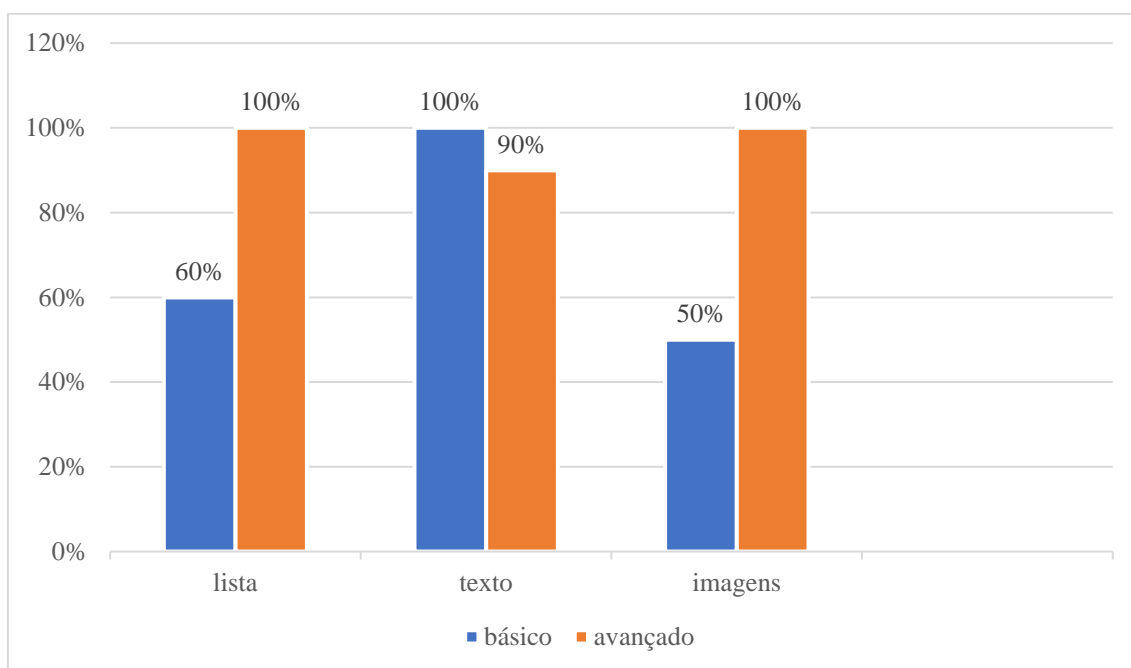
**Gráfico 2: ocorrência do retroflexo em posição pré-consonantal**

Já na posição pós-vocálica, notamos novamente que o nível avançado manifesta um número de ocorrência mais alto nas listas de palavras e imagens, apresentado o mesmo percentual para os dois materiais, enquanto o nível básico traz um maior percentual na lista de palavras, seguido do texto e da lista de palavras, exibindo o menor percentual.



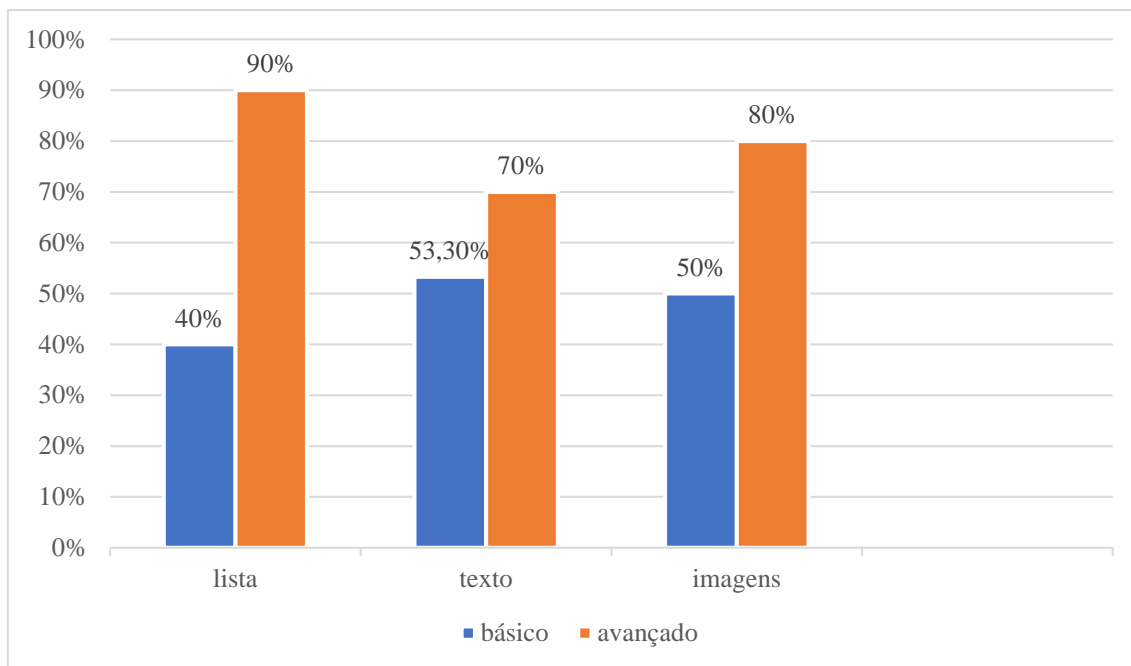
**Gráfico 3: ocorrência do retroflexo em posição pós-vocálica**

Na posição em início de palavra, o nível avançado mantém o padrão exposto nas posições anteriores. O nível básico, por sua vez, exibe maior porcentagem de ocorrência na pronúncia do retroflexo presente no texto, seguido da lista de palavras e lista de imagens.



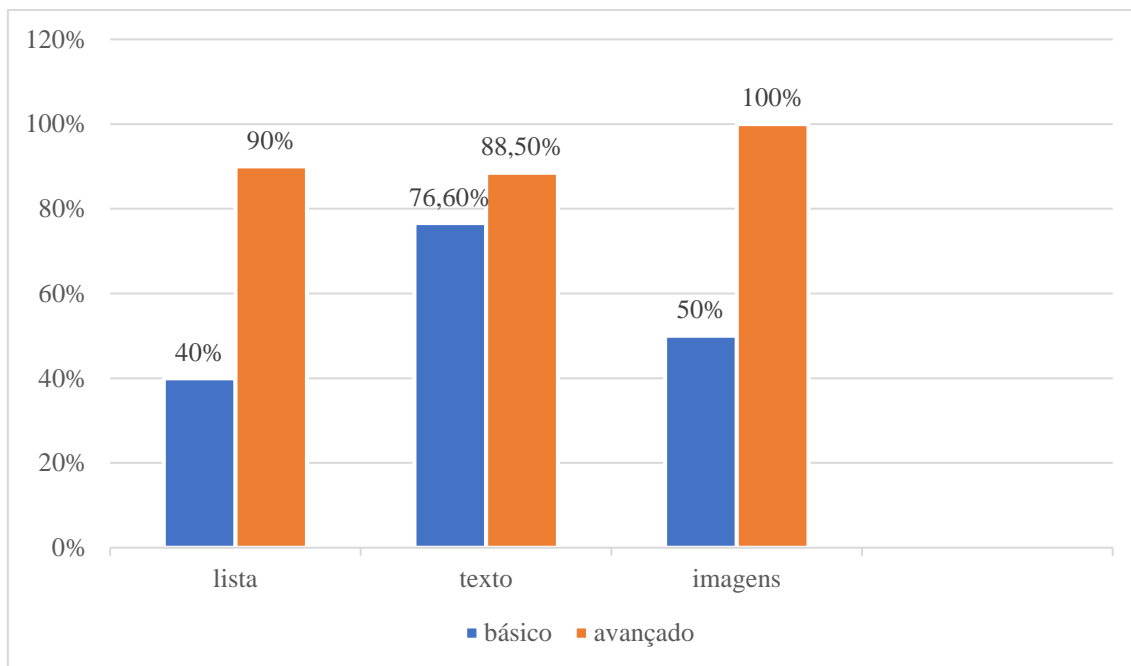
**Gráfico 4: ocorrência do retroflexo em posição de início de palavra**

Notamos uma mudança no padrão quanto ao percentual de ocorrência na posição do retroflexo entre vogais. O nível avançado demonstra mais proficiência na pronúncia do fone presente na lista de palavras, seguido da lista de imagens, manifestando menor número de ocorrência no texto. O nível básico, por outro lado, exibe maior percentual no texto, tendo a lista de imagens e lista de palavras menor percentual, respectivamente.



**Gráfico 5: ocorrência do retroflexo em posição entre vogais**

Quanto à posição do retroflexo enquanto segunda consoante de uma mesma sílaba, verificamos que o nível básico apresentou o mesmo esquema da posição analisada no quadro 5, ou seja, o material do texto favoreceu mais a pronúncia do fone, seguido da lista de imagens e lista de palavras. No entanto, o nível avançado demonstrou maior nível de proficiência na pronúncia do fone apresentado na lista de imagens, seguido da lista de palavras, tendo a ocorrência no texto menor percentual.



**Gráfico 6: ocorrência do retroflexo em posição como segunda consoante de uma mesma sílaba**

Ademais, notamos que alguns ambientes fonológicos favoreceram mais a substituição do retroflexo por um fone que os falantes reconhecem na sua língua, como a aspirada /h/ e o tepe /r/. Dessa forma, verificamos que, nas posições pré-consonantal e em início de palavra, alguns falantes substituíram o retroflexo pela aspirada, o que pode ser explicado pelo fato de, na região a que pertence nossa comunidade de fala, identificarmos que tais fones são usado nessas posições, como nas palavras barco /bahcu/ e rato /hatu/. Segundo Silva (2003) o /h/ é um dos sons do r que englobam, também, o contexto de final de sílaba e início de palavra, caracterizando a pronúncia dos informantes. Lembramos ainda que a posição pré-consonantal favoreceu a não pronúncia tanto do retroflexo como de qualquer outro fone concorrente.

<b>Tipo de material</b>	
<b>Texto</b>	mother [madeh]
<b>Lista de palavras</b>	radio [hadʒiu]

**Quadro 4: dados da pronúncia do informante I do nível básico II**

Já a substituição do retroflexo pelo tepe foi observada, principalmente, na posição de segunda consoante de uma mesma sílaba, pelo fato de, da mesma forma como acontece com a aspirada, os informantes reconhecerem tal fone, nessa posição, em sua fala materna, como na palavra frita /frita/. De acordo com Silva, nesse contexto, o som de r produzido no português brasileiro é o tepe.

<b>Tipo de material</b>	
<b>Texto</b>	drinking [drikiŋ]
<b>Lista de palavras</b>	dress [dɾwes]

**Quadro 5: dados da pronúncia do informante II do nível avançado**

Além disso, como observado anteriormente, notamos que um dos ambientes fonológicos que menos favoreceu a pronúncia do retroflexo foi o fone na posição pré-consonantal. Tal dificuldade ocorreu principalmente na palavra *heart*. No quadro 6 apresentamos dados da pronúncia de um informante do nível avançado em relação a este ambiente. Nos dados, vemos que o falante realiza o retroflexo na palavra *bird*, mas não em *heart*. Isto pode ser explicado pelo contexto que sucede o retroflexo, tratando-se de duas consoantes oclusivas dental-alveolares, sendo /d/ uma consoante sonora ou vozeada e /t/ uma consoante surda, fator que pode ter favorecido a ocorrência do retroflexo.

<b>Tipo de material</b>	
<b>Lista de imagens</b>	bird [bʌɪd]
<b>Lista de imagens</b>	heart [haht]

**Quadro 6: dados da pronúncia do informante III do nível avançado**

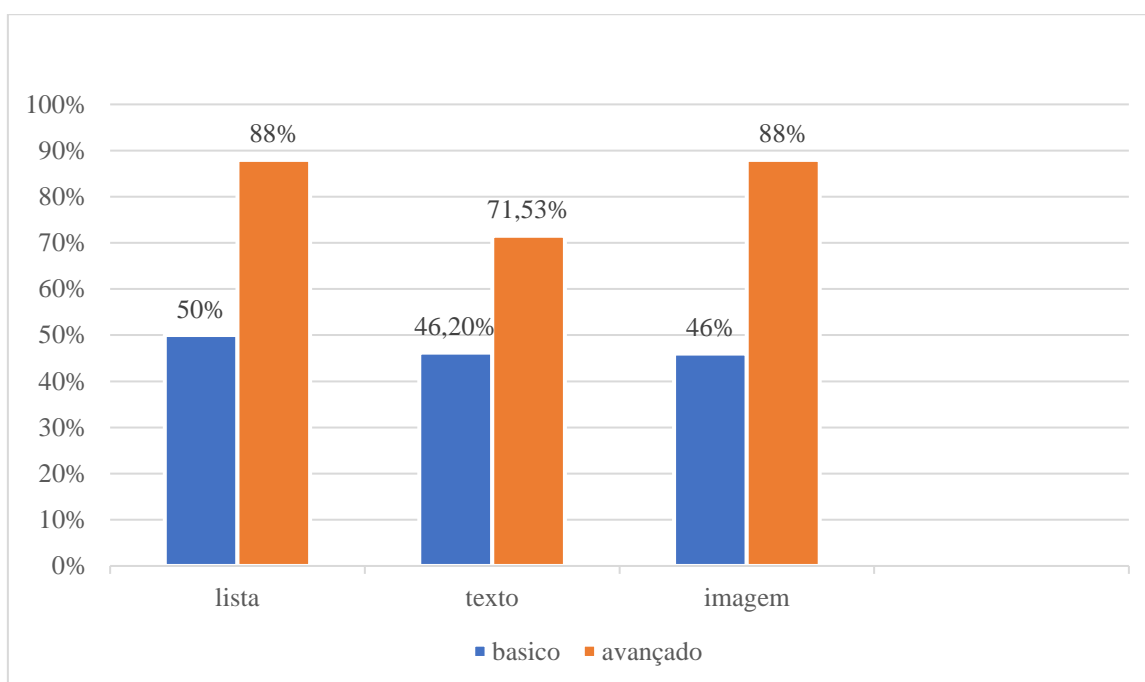
### 3.2 Variáveis extralinguísticas

Como já mencionado, a variação ocorrerá tanto por fatores linguísticos, como por fatores externos à língua – de ordem social – visto que a língua caracteriza uma forma de comportamento social (LABOV, 2008 [1972]), pressupondo que devemos observar o uso da linguagem, também, dentro dos variados contextos sociais. Portanto, aqui analisamos os fatores extralinguísticos nível de monitoramento e nível de proficiência, acreditando que tais fatores favoreçam a variação na pronúncia do retroflexo.

### **3.2.1 Nível de monitoramento**

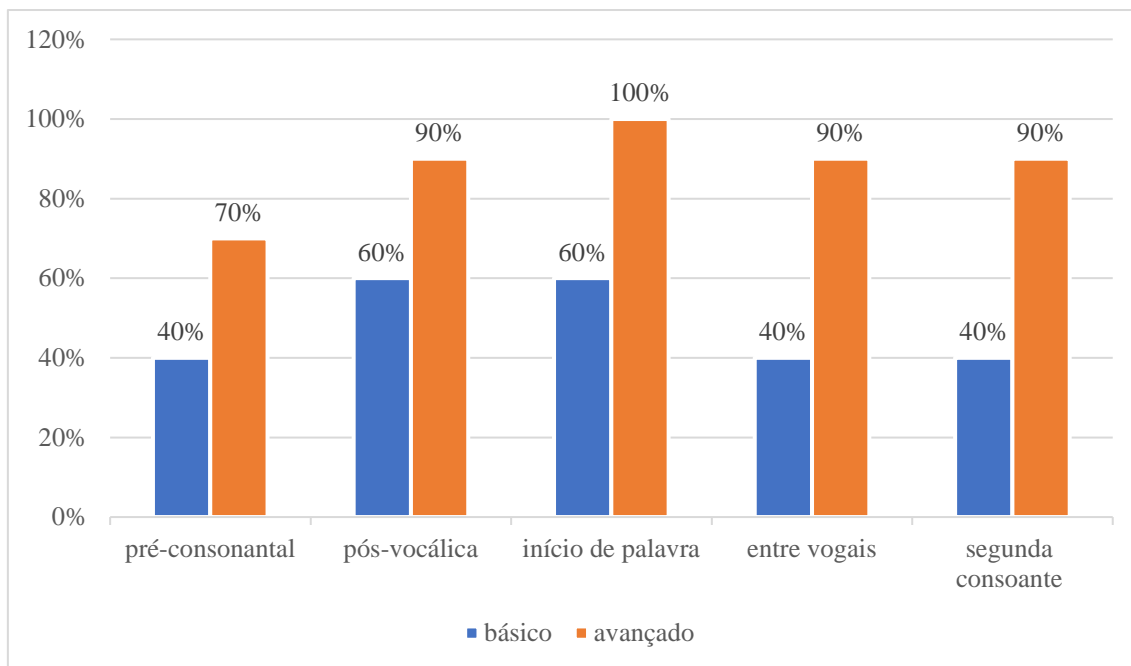
Quanto ao nível de monitoramento, nós discutimos a hipótese de que, ao fazerem a leitura do material de coleta produzido, os informantes manifestariam maior nível de proficiência na pronúncia do fone apresentado na lista de palavras, a qual possuiria maior monitoramento, seguido dos textos e da lista de imagens. Isto posto, notamos que no nível básico a nossa hipótese foi confirmada, já que houve frequência mais alta de realização do retroflexo na leitura da lista de palavras, havendo uma frequência média na leitura do texto e uma ocorrência mais baixa na pronúncia das palavras correspondente às imagens. No entanto, constatamos que os informantes do nível avançado manifestaram maior proficiência na pronúncia não só lista de palavras, mas também da lista de imagens, exibindo a mesma porcentagem no total de ocorrências, tendo a leitura do texto frequência mais baixa de realização do retroflexo. Tal resultado pode ter ocorrido devido à natureza dos materiais usados e ao tipo de coleta realizada. Além disso, entendemos que a diferença de performance em relação à leitura do texto entre os grupos básico e avançado também se deu pela própria proficiência na leitura. Com isso queremos dizer que, como o grupo avançado é mais proficiente, acaba lendo com mais fluência e naturalidade, o que propicia os "deslizes" na pronúncia, considerando a ligação natural entre as palavras causada por essa leitura fluida. Já para o grupo básico, talvez o texto tenha funcionado quase como a lista de palavras, ou seja, não houve tanta interferência de uma palavra sobre a outra, por tal grupo não apresentar a mesma fluência na leitura que o avançado. Como hipótese, previmos que a lista de imagens apresentaria ocorrência mais baixa na pronúncia devido ao menor grau de monitoramento que o material favorece. Contudo, tanto na lista de palavras quanto na lista de imagens, alguns falantes realizaram uma leitura e pronúncia mais pausada das palavras, contribuindo para uma porcentagem mais elevada na ocorrência do retroflexo nesses materiais, deixando ao texto um total de ocorrência mais baixo em virtude de uma leitura mais espontânea.





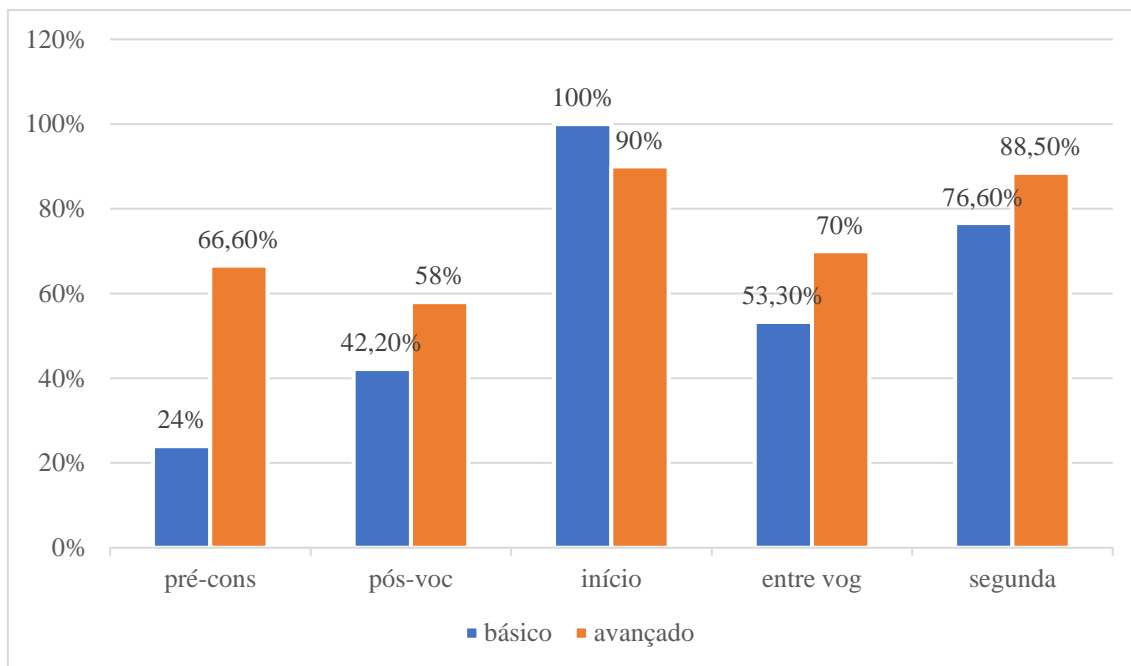
**Gráfico 7: ocorrência total do retroflexo considerando as variáveis extralinguísticas**

Isto posto, apresentamos nessa seção os gráficos correspondentes a cada de tipo de material usado na coleta de dados para analisarmos a porcentagem de ocorrência do retroflexo. Observamos que, na lista de palavras, a maior porcentagem de ocorrência do retroflexo foi manifestada na posição do retroflexo em início de palavra, como em *radio*, especialmente no nível avançado, tendo sido produzido por todos os falantes. Seguidamente, tivemos maior grau de ocorrência nas posições pós-vocálica (*guitar*), entre vogais (*giraffe*) e segunda consoante de uma mesma sílaba (*dress*), em relação aos dados do nível avançado, o qual apresentou exatamente a mesma porcentagem de ocorrência. Já os informantes do nível básico apresentaram maior porcentagem na pronúncia tanto na posição de início de palavra quanto na posição pós-vocálica, seguido das posições pré-consonantal (*bird*), entre vogais e segunda consoante de uma mesma sílaba, trazendo a mesma porcentagem de ocorrência em todos os ambientes fonológicos, respectivamente.



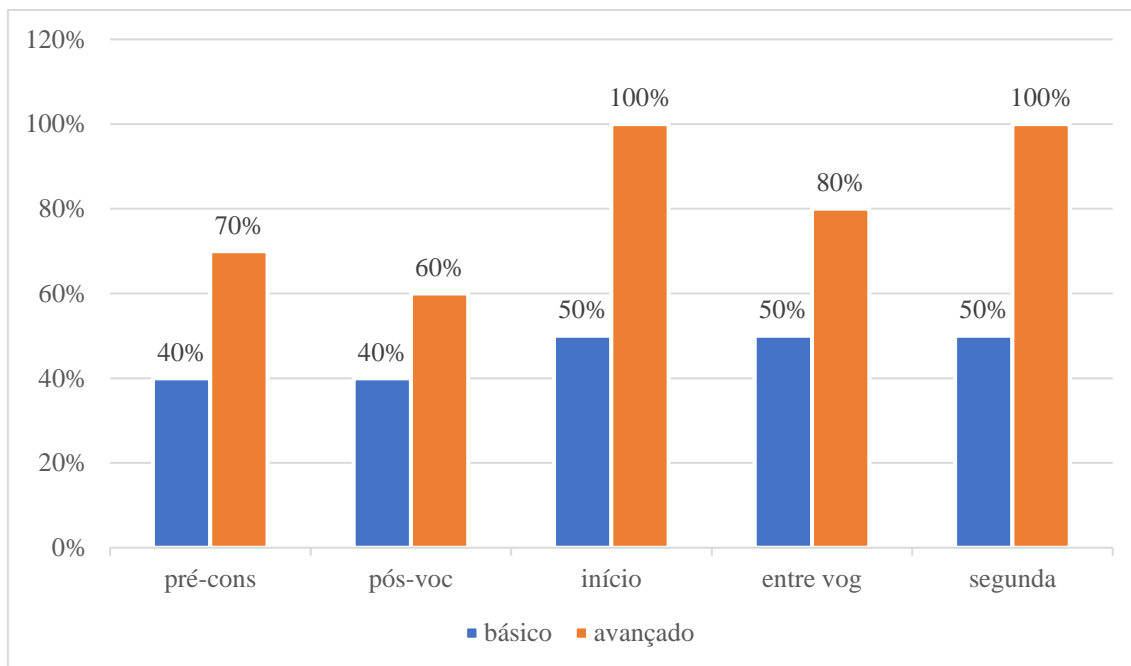
**Gráfico 8: ocorrência do retroflexo na leitura da lista de palavras**

Novamente, como manifestado na lista de palavras, a maior porcentagem de ocorrência do retroflexo nos textos foi observado na posição de início de palavra, seguido da posição como segunda consoante de uma mesma sílaba e posição entre vogais. Ainda, as ocorrências com percentual mais baixo foram na posição pré-consonantal e posição pós-vocálica, no caso do nível avançado. Já no caso do nível básico, o menor percentual foi observado nas posições pós-vocálica e pré-consonantal, nessa ordem.



**Gráfico 9: ocorrência do retroflexo na leitura do texto**

No caso da lista de imagens, encontramos o maior número de ocorrência, no nível avançado, na posição como segunda consoante de uma mesma sílaba e posição de início de palavra, apresentando o mesmo percentual. Seguidamente, encontramos maior número de ocorrência na posição entre vogais, sucedida da posição pré-consonantal e por fim, a posição pós-vocálica. Quanto ao nível básico, observamos o mesmo percentual nas posições de início de palavra, entre vogais e como segunda consoante de uma mesma sílaba, tendo as posições pré-consonantal e pós-vocálica o menor percentual.



**Gráfico 10: ocorrência do retroflexo na pronúncia das palavras referentes à lista de imagens**

### 3.2.2 Nível de proficiência

Tomamos como hipótese que o nível avançado apresentaria maior grau de proficiência que o nível básico, sendo esta hipótese confirmada de acordo com os dados expostos nos quadros 6 e 7:

Nível básico II	
Total de contexto apresentados	Total de ocorrência
245 (100%)	114 (46, 53%)

**Quadro 7: total de ocorrência do retroflexo na pronúncia do nível básico II**

Nível avançado	
Total de contexto apresentados	Total de ocorrência
220 (100%)	181 (82, 27%)

**Quadro 8: total de ocorrência do retroflexo na pronúncia do nível avançado**

No entanto, como expostos nos gráficos, verificamos que o nível de proficiência variava de acordo com o material de coleta, ou seja, o nível de monitoramento. Dessa forma, afirmamos que o tipo de material que mais favoreceu a pronúncia do nível

avanzado foram a lista de palavras e lista de imagens. Já no nível básico, o material que mais favoreceu a ocorrência do fone analisado foi a lista de imagens, seguido do texto. Para mais, constatamos que nos textos, quando apresentado em posição de início de palavra, a porcentagem de ocorrência foi mais alta para o nível básico, correspondendo ao único momento em que estes informantes tiveram maior nível de proficiência que os informantes do nível avanzado. Novamente, acreditamos que esse resultado ocorreu por causa da distribuição das palavras no material de coleta, como também devido a leitura mais pausada, conseqüentemente mais monitorada, no caso do nível básico II, favorecendo uma porcentagem mais alta na ocorrência do fone.

<b>Tipo de material</b>	
<b>Texto</b>	realized [rɪalaɪzɪd]
<b>Texto</b>	relationship [ˌɹeɪlɪʃənʃɪp]

**Quadro 9: dados da pronúncia do informante V do nível avanzado**

No exemplo no quadro 9, o informante substituiu o retroflexo /ɻ/ pelo tepe /r/ na primeira palavra, mas não na segunda, sendo as únicas que apresentavam o fone, neste ambiente, no texto para o nível avanzado. Desse modo, o contexto anterior pode ter influenciado a substituição, no caso de *realized*, e a pronúncia, no caso de *relationship*, do retroflexo. Assim, no primeiro exemplo, o fone está precedido da consoante oclusiva dental-alveolar sonora /d/ - “*and realized*” -, podendo ter ocasionado a substituição pelo tepe; já no segundo exemplo, o informante pronuncia o contexto anterior como tepe - “*other relationship*” -, podendo ter provocado no contexto seguinte a realização do retroflexo.

De modo geral, identificamos que existe a variação na pronúncia entre os falantes do nível básico e os falantes do nível avanzado. Dessa forma, observamos que tal variação ocorre, como discutido na nossa hipótese, de acordo com a posição que o retroflexo aparece na palavra, sendo a posição em início de palavra que mais favoreceu a pronúncia do fone e as posições pré-consonantal (nível básico) e pós-vocálica (nível avanzado) favoreceram maneiras mais alternativas na articulação do fone. Além disso, verificamos

que a variação também ocorre de acordo com o nível de monitoramento a partir do material de coleta no qual a lista de palavras favoreceu mais a pronúncia do retroflexo. Já o material que proporcionou frequência mais baixa, foi observado na lista de imagens para o nível básico e no texto para o nível avançado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou a pronúncia do /ɹ/ retroflexo do Inglês por falantes em fase de aprendizado matriculados em um curso de idiomas na cidade de Serra Talhada, Pernambuco, observando a variação na fala dos alunos do nível básico II e do nível avançado. Para tanto, analisamos os dados da fala dos 10 informantes selecionados – sendo 5 do nível básico e 5 do nível avançado – obtidos a partir da leitura do material de coleta, organizado em: lista de palavras e lista de imagens, além de dois textos (um para cada nível). Assim sendo, ao início deste estudo, aventamos como hipótese que o nível avançado demonstraria maior grau de proficiência na pronúncia do retroflexo que os alunos do nível básico, a qual foi comprovada de acordo com os seguintes resultados: o nível básico II apresentou um total de 46, 53% de frequência na ocorrência do retroflexo observando-se os contextos apresentados, enquanto o nível avançado obteve um total de 82, 27% de frequência na pronúncia do fone.

Considerando as variáveis linguísticas selecionadas, discutimos a hipótese de que a posição do retroflexo no fone – posição pré-consonantal, posição pós-vocálica, posição de início de palavra, posição entre vogais e posição enquanto segunda consoante de uma mesma sílaba – influenciaria na pronúncia dos informantes. Tal hipótese foi confirmada, apresentando os seguintes dados: as posições de início de palavra, como em *radio*, e segunda consoante de uma mesma sílaba, como em *dress*, representaram as posições de maior ocorrência na pronúncia do retroflexo, tanto no nível avançado quanto no nível básico. Quando observamos o percentual de frequência mais baixo, verificamos que o nível avançado apresentou menor grau de proficiência na posição pós-vocálica, como em *guitar*; já para o nível básico, o menor grau de ocorrência ocorreu na posição pré-consonantal, como em *bird*.

Em relação as variáveis extralinguísticas apresentadas, consideramos que o grau de monitoramento a partir do material usado na coleta de dados provocaria a variação da pronúncia do retroflexo. Assim sendo, acreditamos que os informantes manifestariam

maior proficiência na leitura da lista de palavras, por esta possuir maior nível de monitoramento, seguida da leitura dos textos, por ser uma leitura com monitoramento moderado, sendo a pronúncia das palavras da lista de imagens menos monitorada e, portanto, a que apresentaria menor ocorrência na manifestação do fone. Esta hipótese foi confirmada ao observarmos os dados obtidos a partir da pronúncia do nível básico, o qual apresentou 50% de frequência na pronúncia do retroflexo na lista de palavras, 46, 20% de frequência na pronúncia do fone nos contextos presentes no texto e 46% de frequência na pronúncia das palavras correspondentes às imagens apresentadas. Já os informantes do nível avançado obtiveram o mesmo percentual de ocorrência do retroflexo tanto na lista de palavras quanto na lista de imagens, com um total de 80% de frequência., tendo o texto um percentual mais baixo de ocorrência, com 71, 53% de frequência.

Ademais, tínhamos como objetivo verificar se e o quanto a língua materna influenciaria na fala dos informantes. Desse modo, observamos que a língua materna foi manifestada, principalmente, nas posições pós-vocálica<sup>8</sup> e em início de palavra – como em *air* e *ring* –, em que os falantes substituíram o retroflexo pela aspirada /h/, uma vez que, na região onde está localizada a comunidade estudada, este é o fone mais articulado nas respectivas posições, de acordo com o que a nossa observação informal da fala dessa comunidade nos permite afirmar. Da mesma forma, identificamos a substituição do fone em análise pelo tepe /r/ como em *parentes* e *brothers*, visto que esse é o fone articulado nas posições entre vogal e enquanto segunda consoante de uma mesma sílaba (como nos exemplos), o que favoreceu a substituição.

Isto posto, esperamos que os resultados obtidos nesta pesquisa possam contribuir com pesquisas que se voltem tanto para a área da Sociolinguística, quanto para as áreas da Fonética e Fonologia, em vista dos procedimentos metodológicos e da literatura utilizada. Além disso, esperamos auxiliar estudos que investiguem o processo de aprendizagem de Língua Inglesa, especialmente sobre como os falantes brasileiros, e, mais especificamente, da região do sertão de Pernambuco, onde está localizada a comunidade de fala estudada, percebem e realizam o fenômeno analisado. Por fim, desejamos que este trabalho estimule a realização de pesquisas semelhantes no âmbito da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, uma vez que não encontramos, nesta instituição,

---

<sup>8</sup> Tal posição também provocou o apagamento do fone, assim como ocorre na língua materna dos informantes, sendo produzido como zero /ø/, em posição externa (ABAURRE, 2013), como mencionado anteriormente.

outras pesquisas que explorem a Língua Inglesa como LE enquanto objeto de estudo sociolinguístico.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, v. 7, 2013.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAMARGOS, M. A. C. *Conhecimento Fonológico de Retroflexos em inglês-L2*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.
- COELHO, I. L. et. al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino. *Revista Eletrônica de Linguística*. v. 4, n. 2, 2010.
- KREIDLER, C. W. *Describing Spoken English: an introduction*. <<https://books.google.com.br/books?id=seOEAgAAQBAJ&pg=PA84&lpg=PA84&dq=kreidler+1989&source=bl&ots=aDaQ51FAr4&sig=rJsvRQZBUrUmk3AKDicg2Zi2VLw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CEoQ6AEwCGoVChMI8oKy67z0xwIVwo6QCh0AzQrJ#v=onepage&q=kreidler%201989&f=false>> Acesso em: 5 de maio de 2017.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RICHARDS, J. C.; SCHMIDT, R. *Longman dictionary of language teaching and applied linguistics*. 4. ed. Londres: Pearson Education Limited, 2010.
- SANTOS, J. I. dos. *Estudo de caso da habilidade de leitura e compreensão entre alunos de uma escola da rede pública de educação básica do distrito federal e um instituto de ensino de língua estrangeira*. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2014.
- SANTOS, R. L. A. A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 97, 2009.
- SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer: fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.



SILVA, T. C. *Fonética e fonológica do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, T. C. *Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

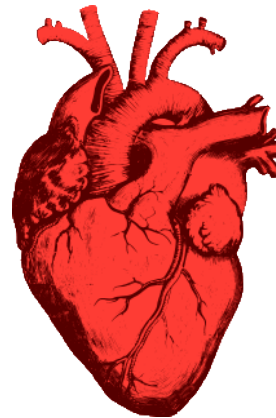
SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, v. 1, 2006.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

## **APÊNDICES**

Apêndice A – Imagens para a coleta







**Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE**  
**Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST**  
A PRONÚNCIA DO R RETROFLEXO DO INGLÊS COMO L2 POR  
FALANTES DE SERRA TALHADA-PE  
A PRONÚNCIA DAS FRICATIVAS INTERDENTAIS DO INGLÊS NA  
FALA DE ALUNOS DE UMA ESCOLA DE IDIOMAS EM SERRA  
TALHADA-PE

**Orientandas:** Alana Santos Pereira

Isabele Carla dos Santos Lins

**Orientadora:** Dorothy Bezerra da Silva Brito

<b>Ficha do informante</b>		
<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>		
1. NOME:		
2. DATA DE NASCIMENTO:	3. IDADE:	4. SEXO:
5. ENDEREÇO:		
6. NATURALIDADE:	7. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
8. DOMICÍLIOS FORA DA LOCALIDADE:		
9. TEMPO FORA DA LOCALIDADE:		
10. ESCOLARIDADE:	11. OUTROS CURSOS:	



20. OBSERVAÇÕES:		
21. INQUIRIDOR:	22. CIDADE:	23. DATA:
		24. DURAÇÃO:

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da **Pesquisa sociolinguística sobre o inglês falado por aprendizes de inglês como L2 em Serra Talhada-PE**, realizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, sob responsabilidade das alunas Isabele Carla dos Santos Lins e Alana Santos Pereira, orientadas pela Profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito, cujo objetivo é estudar aspectos do inglês falado por alunos de um curso de idioma. A sua participação é muito importante e acontecerá da seguinte forma: iremos gravar sua fala em três situações distintas (na leitura de um texto, de uma lista de imagens e nas respostas a questões sobre conteúdos de imagens); posteriormente, essas gravações serão transcritas e estudadas sob o ponto de vista científico, tendo divulgações meramente acadêmico-científicas, com a preservação da sua identidade, garantindo total sigilo e confidencialidade. Sua participação é totalmente voluntária e você tem, caso queira, o direito de não aceitar participar, sem qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Esclarecemos que o material de gravação ficará disponível para fins de pesquisa na UFRPE/UAST, compondo um banco de dados de amostra de língua inglesa falada por estudantes de um curso de idioma de Serra Talhada-PE. O(a) senhor(a) poderá ter acesso ao material da sua gravação, através da solicitação ao orientador da pesquisa.

Informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de mais informações, pode entrar em contato conosco através dos e-mails: [dorothybsb@outlook.com](mailto:dorothybsb@outlook.com) (Dorothy Bezerra Silva de Brito), [belinha\\_16\\_@hotmail.com](mailto:belinha_16_@hotmail.com) (Isabele Carla dos Santos Lins) e [alana.snt13@gmail.com](mailto:alana.snt13@gmail.com) (Alana Santos Pereira), ou pelo endereço da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, localizada à Fazenda Saco, s/n, Caixa Postal 063, Serra Talhada, Pernambuco. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada, entregue a você.

### Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador (es).

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



---

Assinatura do sujeito (ou responsável)

---

Assinatura do pesquisador